

500 ANOS Coordenador do MST diz que estuda ficar mais tempo em Porto Seguro, ao contrário do combinado

Sem-terra ameaçam descumprir acordo

LUIZ FRANCISCO da Agência Folha, em Porto Seguro

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ameaça não cumprir o acordo feito com governo da Bahia que permitiu o fim das barreiras policiais para que os sem-terra chegassem a Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador). O acordo foi intermediado pelo presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e pelo deputado federal Aloizio Mercadante (PT-SP).

Ontem de manhã, durante a marcha dos agricultores de Eunápolis (BA) à cidade, o coordenador regional do MST, Ademar Bogo, disse que o trato será reavaliado. "O acordo foi feito em Brasília. Amanhã (hoje) nós decidiremos aqui se vamos cumpri-lo ou não", afirmou.

Pelo acordo, os sem-terra foram liberados para fazer uma manifestação hoje de manhã no centro de Porto Seguro para lembrar o massacre de Eldorado do Carajás (PA), onde, há exatamente quatro anos, 19 trabalhadores rurais foram mortos em um confronto com policiais militares.

Em contrapartida, os manifestantes sairiam ainda hoje da cidade, que, no próximo dia 22, será palco das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil.

A negociação do MST com o governo foi realizada anteontem, um dia depois que nove sem-terra foram presos pela polícia de Itabuna (429 km ao sul de Salvador). Na ocasião, os policiais barraram a passagem dos manifestantes na BR-101. No tumulto, três policiais militares ficaram feridos.

Turistas, ricos e governantes Ademar Bogo disse também que os sem-terra vão aproveitar a manifestação de hoje para denun-

ciar a violência contra os trabalhadores rurais.

"Nós queremos dizer que o Brasil, com seus 500 anos de história, ainda não aprendeu a fazer festa para o povo. O presidente Fernando Henrique Cardoso precisa entender que não existem apenas turistas, ricos e governantes no Brasil", afirmou Bogo.

Anteontem, o coordenador estadual do MST Walmir Assumpção já havia dito que os manifestantes pretendiam voltar a Porto Seguro no dia 22.

Diante disso, o governador da Bahia, César Borges (PFL), afirmou que isso seria "quebra de acordo" e acenou com a possibilidade de a Polícia Militar voltar a apertar o cerco.

"Não há espaço físico em Porto Seguro para comportar uma quantidade muito grande de gente para todos os eventos. Se algum grupo já tiver anunciado a intenção de fazer protestos e constranger autoridades, nós temos a obrigação de tomar todas as precauções", declarou o governador.

A marcha dos sem-terra de Eunápolis a Porto Seguro foi tranquila. Cerca de 2.500 integrantes do MST, segundo a diretoria regional, participaram da caminhada. A PM estima que 1.200 sem-terra fizeram o percurso. No total, os sem-terra caminharam ontem 25 quilômetros. Dois carros da PM acompanharam os manifestantes no trajeto. Parte da pista que liga as duas cidades foi bloqueada em alguns trechos para facilitar a caminhada.

No final da manhã de ontem, os sem-terra chegaram ao acampamento montado pela diretoria regional do MST. O acampamento fica a 15 quilômetros de Porto Seguro. "Nós só vamos sair daqui amanhã (hoje). Primeiro, vamos esperar os índios que também estarão na manifestação contra o governo federal", disse Bogo.

Colaborou Marcos Vita, da Agência Folha



Sem-terra caminham em direção a Porto Seguro, na Bahia

FRASE

"Vamos decidir em Porto Seguro se o acordo será cumprido ou não. A decisão cabe à maioria. Para nós, o acordo fechado em Brasília não tem valor."

Ademar Bogo, coordenador regional do MST na Bahia

NO AR

Washington e a Bahia

NELSON DE SÁ da Reportagem Local

Nas Globos, ontem:
 — São duas filas de três quilômetros cada. Estão sendo acompanhadas por viaturas da PM baiana.

É a marcha dos sem-terra, que chega hoje a Porto Seguro para se juntar aos índios e outros movimentos.

Os sem-terra chegam "justamente quatro anos após o massacre de Eldorado do Carajás, onde 19 foram mortos em confronto com a polícia".

O conflito está dado: são ativistas os mais diversos contra a polícia, o Estado:

— O governo da Bahia deu prazo para saírem de Porto Seguro. Os sem-terra avisaram: não vão cumprir.

Como os índios há duas semanas, os sem-terra já se bateam com a PM baiana. Alguns foram presos e soltos.

A Rede Globo vem cobrindo, inclusive no Jornal Nacional, mas sem destaque, ela que depende da Globo Bahia.

A rede também sumiu com os 500 anos. No lugar, manche-

tes do país cordial:

— Mutirão contra queimadas. Índios e agricultores criam brigadas contra o fogo. Nada de fogo, no Brasil.

Porto Seguro, com sua união de índios, padres, sem-terra, negros, petistas etc. ecoa Seattle —e, ontem, Washington.

A TV nos EUA, segundo a BBC, cantou a "vitória da política sobre os ativistas" ontem, ilustrada pela violência.

Para saber do outro lado, foi preciso ir à Internet, sites como indymedia.org. Não será diferente, na Bahia.

Pedro Malan foi a Washington, e não queriam deixá-lo entrar. Deu no "New York Times" on line e na BBC —a CNN foi pífia, ontem.

Para ele, tudo bem, mas os ativistas só ajudam "quando se entende o que estão propondo". Era fácil, ontem.

Eles diziam que FMI e Banco Mundial, ex-empregador do ministro, "servem aos países ricos" e devem fechar.

E-mail: nelsonsa@uol.com.br

Índios fazem manifestações com MST



Índios macuxis almoçam sentados em redes, no Monte Pascoal, palco dos festejos dos 500 anos

da Agência Folha, em Salvador da Agência Folha, em Porto Seguro

Cerca de 500 índios fazem passeata hoje em Salvador contra as comemorações oficiais dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que acontecem no próximo dia 22, em Porto Seguro (BA).

Caravanas com integrantes de 29 povoados indígenas de todos os Estados do Nordeste chegaram ontem à capital baiana, onde se encontraram com membros da CUT (Central Única dos Trabalhadores), do Conem (Coordenação Nacional de Entidades Negras) e de partidos de oposição. Todos integram o movimento "Brasil, outros 500".

"Vamos protestar contra os 500 anos de genocídio dos povos indígenas e mostrar que a realidade do índio hoje no Brasil não corresponde com a divulgada pelo governo", afirmou Janduir Vieira Cruz, pertencente à tribo Tuxá, da cidade de Rodelas (BA).

Depois de participar da manifestação de hoje, que deve seguir do bairro Campo Grande para a Praça da Sé, no centro de Salvador, a caravana de índios do Nordeste vai para a aldeia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, onde acontece, a partir de amanhã, a Conferência Indígena. Segundo os organizadores da conferência, o evento pretende

denunciar o massacre sofrido pelos povos indígenas no país depois da chegada dos portugueses.

Governo

Ainda não há definição quanto à presença do presidente Fernando Henrique Cardoso em Coroa Vermelha, mas o subsecretário da Casa Civil da Presidência da República, Marcelo Cordeiro, afirmou ontem ao governador da Bahia, César Borges, que há disposição por parte FHC em ir ao local.

"O presidente também está disposto a receber o documento final da Conferência Indígena", disse o governador baiano.

No último sábado, Cordeiro, procuradores do Ministério Público Federal e representantes do governo estadual se reuniram com os pataxós em Coroa Vermelha para discutir as medidas que serão adotadas pelas autoridades durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento.

Os governos federal e estadual decidiram que os índios podem reerguer o monumento destruído pela PM baiana no dia 4, em Cabralia, deverá ser reerguido pelos índios na forma e no lugar que quiserem. O valor da indenização pela invasão da área indígena pela PM no episódio deverá ser discutido amanhã em reunião da comunidade pataxó.

"O monumento é uma homenagem da tribo pataxó a todos os

índios que foram assassinados ou expulsos de suas terras nos últimos 500 anos", disse o líder indígena Nailton Pataxó.

Pré-conferência

Ao som de músicas de protesto, cerca de 800 índios reunidos ontem no Parque Nacional de Monte Pascoal decidiram participar da manifestação do MST contra os festejos dos 500 anos do Brasil.

"Todas as manifestações que forem contra o governo Fernando Henrique Cardoso têm o nosso apoio", disse Nailton Pataxó.

De manhã, os índios participaram do encontro preparatório para a Conferência Indígena, que começa amanhã, na praia de Coroa Vermelha. No chão ou em redes, ouviram discursos de seus líderes e de representantes da Funai (Fundação Nacional do Índio). Nos intervalos, tocaram flauta, leram jornais e compraram artesanatos de outras tribos.

Depois da escolha dos representantes das tribos, os índios decidiram protestar hoje de manhã, no Monte Pascoal. "Vamos ocupar o Monte Pascoal para fazer nossos rituais sagrados e celebrar nossas orações", disse Nailton. Somente depois eles vão para Porto Seguro se encontrar com os sem-terra.

Outros 1200 índios, das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, são esperados em Santa Cruz Cabralia nos próximos dias.